Apoio:

Patrocínio:

Realização:

A Mãe e o Anjo

A Mãe e o Anjo

Na capital do reino de Galvânia vivia, em outros tempos, uma pobre mulher, viúva de um cesteiro, em companhia de seu filho único, chamado Alcon, que desde o nascimento havia sido acompanhado de boa sorte, pois veio ao mundo juntamente com o Ano Novo, e num domingo, isto é, nasceu no primeiro dia do ano, e este dia havia caído precisamente num domingo.
Como todos os que nascem assim, teve um belo anjo para lhe servir de guia no caminho da vida, de ajuda em todos os empreendimentos, e de refúgio em todas as dificuldades.
Mas o garoto não sabia dar valor a isto, pois era impertinente e briguento, e, além disto, em seu coração morava a inveja.
Um dia viu perto de sua casa o filho de um rico comerciante de tapetes,
brincando com uma bola de ouro, e imediatamente disse em tom imperioso à sua mãe:
- Eu também quero uma bola de ouro.
- Meu filho, - respondeu a mãe - eu não posso comprar-te uma bola de ouro; o dinheiro não chega,

e não seria bom pedi-la ao teu bom anjo da guarda, porque ele só tem obrigação de ajudar-te nas coisas necessárias, e não de satisfazer as tuas exigências de invejoso.
O garoto não respeitou as palavras da mãe e gritou:
- Escuta, meu anjo da guarda; quero que me dês uma bola de ouro, e neste instante, agora mesmo! - Rodou uma bola de ouro a seus pés, mas ele não brincou com ela nem um quarto de hora; antes disto a atirou com desprezo no lixo.
De outra vez, um de seus colegas de escola, o filho do jardineiro do palácio, o convidou a ver o seu jardim e o acompanhou à estufa: ali havia palmeiras em forma de leque, laranjeiras com frutos de ouro, orquídeas com elegantes flores e outras maravilhas de jardinagem, e nela se respiravam verdadeiras ondas de perfume.
Alcon ficou encantado com tudo aquilo; mas, a caminho de sua casa, foi invadido pela tristeza e pelo pesar, por não ter uma estufa igual aquela.
- Que o meu anjo da guarda construa para mim, imediatamente, uma estufa - disse impaciente à sua mãe.

- Não o importunes em vão - respondeu a mãe -; do contrário, quando precisares dele de verdade, lhe

direi que não te ouça. E se chegar a acontecer isto, - acrescentou - ficarei doente de pesar, e será pior.
Mas Alcon não desistiu do seu desejo; pelo contrário, gritou com mais força do que nunca:
- Para que me serve ele, se não me satisfizer nestes pequenos desejos? Preciso de uma estufa; e hei de tê-la, custe o que custar!
O bondoso anjo construiu uma estufa de cristal, maior ainda que aquela que Alcon tinha visto, e com maior número de plantas.
Passada uma hora, Alcon já estava enjoado e aborrecido: fechou a porta e nunca mais entrou na estufa.
Aconteceu, naturalmente, o que sempre acontecia: ele queria possuir tudo o que os outros tinham, e dentro de pouquíssimo tempo já não fazia mais caso, e nem olhava para o que obtivera. Mas sua mãe, conforme já havia predito, caiu doente, de preocupação, e demorou muito a recuperar a saúde.
Certa manhã, Alcon estava olhando à janela e viu passar pela rua a filha do rei, jovem esbelta e de rara formosura, acompanhada do seu séquito, composto de três pessoas: um cavaleiro levando armas reluzentes, para proteger a sua ama, se fosse necessário; uma senhora muito simplesmente vestida, com um grande bolso do lado, uma tesoura, uma agulha e um pente na mão; finalmente uma amável moça vestida de branco e com uma corrente de ouro ao pescoço, que servia para brincar com a princesa.
O povo, quando ela passava, se punha de joelhos, maravilhado. Alcon também arregalava os olhos; mas dali a pouco seu coração foi roído pela inveja e

ele exclamou:
- Quero ter um acompanhamento igual a este: um homem, uma mulher e uma jovem.
A mãe lhe pediu, lhe suplicou que desistisse daquela idéia, pois do contrário ela morreria de mágoa. Mas Alcon, como se não ouvisse aquelas palavras, gritou:
- Anjo da guarda, eu quero isto; dá-me, e não te demores!
A mãe teve um ataque de coração e caiu ao chão. Alcon, como se não enxergasse nada, continuou gritando:
- Eh, meu anjo! O que fazes que não me atendes?
De repente apareceu diante dele o anjo, mas não estava sorrindo como dos outras vezes; sacudia vagarosamente suas asas de ouro, e também devagar, e muito calmo, lhe disse:
- Não posso contentar-te. Nos homens só Deus manda.
- Então, - replicou Alcon - para que me serves, se não queres atender a um desejo tão insignificante? Melhor seria que não aparecesses mais por aqui!
O rosto do anjo escureceu como se tivesse caído em cima dele um véu de nuvens, e ele disse:
- Já que tanto a desejas, e exiges isto de mim, vou atender-te: tu também terás um séquito, mas não será de criaturas humanas, e sim de figuras do outro mundo. Ignoro se vais ficar contente. Eu não posso mais viver contigo, nem estar a teu lado; devo abandonar-te imediatamente.
- Pouco me importa - respondeu obstinado Alcon -; vai-te para sempre; não me causará nenhum desgosto a tua ausência. Segue teu caminho, que

não preciso mais de ti; ando até cansado de ti, há muito tempo.
Ao ouvir semelhantes palavras, todo o frágil corpo do anjo estremeceu. Ele não disse nada. Ganhou a porta, profundamente triste, e desapareceu.
No mesmo lugar que ele havia ocupado antes de desaparecer, surgiram de repente três sêres muito estranhos, que deviam formar o tão desejado séquito: um homem, uma mulher e uma jovem. De onde tinham saído, ninguém podia saber.
O homem estava vestido de preto, dos pés a cabeça; cobria as mãos com luvas negras, e a cabeça usava um capucho também negro; tinha um rosto muito sério e olhar severo.
A mulher se vestia de cinzento, dos pés à cabeça, e até o rosto estava coberto por um véu cinzento, de maneira que não se distinguiam seus traços; mas, observando-a de perto, se percebia que estava transtornada pelo sofrimento e pela dor.
Finalmente, a jovem estava cercada de uma atmosfera de vapor opaco, de modo que dificilmente podia ser reconhecida, nem mesmo pela silhueta. Parecia que o seu corpo se evaporava no ambiente. Em vez de olhos se viam em seu rosto duas grossas lágrimas, que pareciam ter-se coagulado.
Alcon, por sua vez, sentiu que tudo que nele havia de belo e de claro se desprendia e evaporava no ar: em seu lugar ficaram a tristeza, a miséria e a aflição.
Então começou a se preocupar e gritou:
- Quem sois? O que quereis de mim?
Adiantou-se o que estava de preto e respondeu com

voz cavernosa:
- Fomos encarregados de te seguir, e estamos a teu serviço: eu sou o Sr. Pesar; tenho o poder de espremer em minhas mãos os raios do sol, de modo que escureça tudo à minha volta.
Dizendo isto, voltou para o seu lugar, e a mulher de cinzento deu um passo a frente, e com uma voz de túmulo disse:
- Eu sou D. Preocupação; observa minha mão cinzenta: quando ela toca alguma coisa, esta coisa fica dura como o gelo. - E voltou para o seu lugar.

A jovem, a soluçar, muito triste, disse em tom de voz queixosa:
- Chamam-me de Srta. Angústia: quando levanto os olhos, cai chuva do céu, mas não são claras e refrescantes gotas de água, são lágrimas salgadas e grossas.
Alcon então exclamou com voz medrosa:
- Afastai-vos daqui, deixai-me em paz, que não preciso de vós!
- Não posso - disse o homem de preto -; não atendo a nenhum pedido.
- Não posso, - disse a mulher de cinzento - não obedeço a nenhuma ordem.
- Não quero, - disse a jovem - não cedo a nenhuma força nem violência.
- Quer dizer que não vos afastareis da minha presença?. . . - respondeu Alcon, melancólico.
- Só tenho um inimigo que pode vencer-me - disse o homem de preto: - é a felicidade.
- E eu só tenho um adversário que pode mais do que eu - disse a mulher de cinzento: - é a

tranqüilidade.
- Eu só tenho um adversário que não posso afugentar - disse a jovem: - é o amor.
- Não conheço vossos três inimigos - disse Alcon -; mas como me causais a maior repugnância, vou buscá-los para que vos afugentem e eu possa desfazer-me de vós.
- Nós te seguiremos fielmente, - replicaram eles - porque és nosso amo e senhor.
Alcon então pegou o cajado e partiu; seus três acompanhantes o seguiram constantemente, aonde quer que ele fosse; não encontrava repouso nem descanso. Os homens aos quais havia dado alguma vez abrigo, agora o protegeriam, mas, vendo que o Sr. Pesar, D. Preocupação e a Srta. Angústia também queriam entrar, os punham porta fora. Sendo assim, Alcon teve de dormir em companhia das feras do bosque, sem que nenhuma delas o molestasse em nada, porque, quando viam a comitiva que ele levava, se escondiam no bosque. Sem saber aonde ir, nem onde ficar, ele vagava por caminhos e atalhos, por campos e planícies, não encontrando em parte alguma o que procurava. Finalmente chegou a sentir enjôo da vida, porque lhe parecia que não tinha objetivo nenhum para ele, e era triste e miserável. Com prazer acabaria com ela, se pudesse descobrir nisso um fim honroso. Certo dia ele soube que em sua pátria, Galvânia, reinava uma grande miséria. Três criaturas horrendas ali estavam morando, e faziam estragos em toda parte. Eram uns temíveis demônios, contra os quais nada podia a força humana, porque eram invulneráveis. Atormentavam e martirizavam os

homens, encontrando nisto as maiores alegrias e delícias.
Entre outras façanhas que deles se contavam, dizia-se que haviam raptado a filha do rei, levando-a para um castelo de ferro, onde ninguém podia penetrar; além disto eles mantinham ali uns terríveis guardas, que davam morte triste a quem tentasse chegar ao castelo, e assim ninguém se atrevia nem a pensar em tal coisa.
Depois eles fizeram daquele país sua residência: o primeiro, Artapex, ferreiro, tinha um machado de prata que atirava ao ar e partia a cabeça de qualquer um; o segundo, Martapix, pescador, estendia pelas ruas da cidade redes tão finas, que não existia olho humano capaz de enxergá-las, e nelas caíam sem dúvida os que por ali passavam; o pescador então aparecia soltando ruidosas gargalhadas, e torcia o pescoço dos infelizes que ficassem presos.
O terceiro, Kartapux, carroceiro, tinha uma carroça onde qualquer pessoa podia carregar o que quisesse, porque nunca se enchia de todo. Com ela andava de cá para lá, metia dentro dela todas as crianças que ia encontrando e as levava ao bosque, onde as transformava em macacos, palhaços e anões, e estes se viam obrigados a servi-lo e a fazer tudo que ele mandasse.
Por isso reinava em todo o país o pânico, e só se ouviam queixas e lamentos. Os homens não se atreviam a sair de suas casas; punham-se de joelhos e rogavam a Deus que os livrasse daqueles hóspedes tão incômodos.
Sabendo disto, Alcon sentiu avivar-se em seu peito

o pouco que nele havia de amor à sua pátria, e ao mesmo tempo sentiu uma grande dor ao pensar que os lugares onde havia passado a sua infância, e onde repousava sua mãe, seriam para sempre sacrificados por tão temíveis inimigos.
Resolveu, então, expor a própria vida para libertar a pátria. Assim resolvido, voou e toda velocidade para Galvânia. Suas três inseparáveis camaradas o seguiram como se fossem suas sombras.
Já perto da fronteira do país, ele ouviu ao longe os gritos de dor dos seus compatriotas, misturados com as gargalhadas sarcásticas dos demônios ocupados em sua cruel tarefa.
Ele, porém, avançou valentemente, sem se preocupar com eles: as folhas estalavam quando ele passava, e os ramos das árvores rangiam.
De repente ele ouviu um assobio, um zumbido no ar, e, levantando a cabeça, viu brilhar acima dela um objeto de prata. Reconheceu o machado de Artapex, e se julgou perdido ao ver que descia sobre ele; mas levou instintivamente a mão à cabeça e viu que nada lhe havia acontecido.
Então o Sr. Pesar pegou o machado e lho entregou.
Ouviu-se um forte uivo no bosque: o ferreiro Artapex havia ficado desarmado e fugia pelo ar, para o seu país (o país dos demônios).
Pela primeira vez se iluminaram os traços fisionômicos de Alcon, e se notou em seu rosto um raio de alegria; mas tornou a se obscurecer quando olhou os seus sombrios colegas.
Não obstante, continuou rapidamente seu caminho, com a intenção de vencer o segundo inimigo.
Já havia chegado ao final do bosque, quando

encontrou a estrada de sua cidade, e mal pôs os pés nela, saltou repentinamente diante dele a Srta. Angústia.
Ele ouviu ao mesmo tempo um ruído como de alguma coisa se despedaçando, e logo viu a seus pés, em pedacinhos, uma rede tão fina quanto uma teia de aranha. Suas malhas eram extremamente finas, mas aquela criatura vaporosa tinha conseguido introduzir-se nelas.
Atravessou então o espaço um horroroso gemido, seguido de um ruído penetrante e como se voasse um pássaro monstruoso, rapidamente, pelos ares. Era o pescador Martapix que, derrotado, abandonava a terra e seus habitantes, para nunca mais voltar.
Um sorriso franco iluminou o semblante de Alcon, mas durou pouquíssimo tempo, pois quando voltou de novo os olhos para o seu acompanhamento imóvel e silencioso, foi assaltado pela mesma tristeza de antes.
O país ainda não estava completamente livre. Ele viu ao longe um homem empurrando uma grande carroça: tinha nariz de gavião e dentes de lobo, e as mãos eram garras de águia: de seus olhos saíam chispas como se fossem relâmpagos.
- Eh, entra na carroça! - gritou ele para Alcon.
- Deixa-me subir primeiro - disse a Dona Preocupação, e sem demora meteu-se dentro dela.
Kartapux riu com ironia, mas, o que havia? por mais força que fizesse, ele não podia ir adiante! D. Preocupação era mulher muito pesado. Corria o suor do carroceiro, da testa até o queixo; ele gemia e arquejava; mas não adiantava, a carroça não

andava.
O carroceiro soltou uma horrível praga, que foi seguida de um prolongado grito de dor.
Lá no alto, zumbiram no ar, pela terceira vez, umas asas, batendo com força. O último inimigo tinha sido derrotado.
O rapaz soltou então uma alegre gargalhada, ao sentir-se o libertador de sua pátria. Esta idéia o encheu de verdadeira satisfação; mas sua alegria durou poucos instantes: ele voltou os olhos e viu aqueles três sêres que, embora o tivessem ajudado, agora menos do que nunca se separariam dele, e esta idéia o afligiu profundamente: abaixou a cabeça, aniquilado, e pelas suas faces correram copiosas lágrimas.
Foi sacudido de sua tristeza e sua aflição ao ouvir os cantos e os gritos de alegria dos habitantes do cidade, que saíam radiantes ao seu encontro: as moças, vestidas de branco, lhe ofereciam flores; a mais bonita de todas elas lhe cingiu a fronte com uma coroa de louros.
Ondulavam ao vento os estandartes e as bandeirolas, soavam as trombetas, iluminavam o ar as fogueiras, e por todo o país se cantavam louvores ao libertador. Então foi carregado em triunfo até a presença do monarca, o qual desceu de seu trono, o abraçou e beijou na testa. Depois lhe dirigiu um longo e penetrante olhar e lhe disse:
- Valente rapaz: estou vendo que em teu coração domina, como no meu, um profundo pesar. Ignoro a causa disso; mas a da minha aflição, tu seguramente a conheces: os criminosos que tu exterminaste levaram a minha filha querida para um

castelo de ferro, de onde não é possível ela fugir. Meus cabelos embranqueceram de tanta tristeza, e meu coração não consegue consolar-se. Ajuda-me, herói, se puderes. Terei a felicidade de ver-te libertar minha filha?

- Tentarei - respondeu Alcon com voz firme e decidida -; verei se o consigo.

O semblante do monarca iluminou-se ao ouvir essas palavras, e ele disse ao rapaz:

- Se me deres tão grande consolo em minha velhice, podes contar que te proporcionarei uma felicidade que há de acompanhar-te a vida inteira.

O rapaz voltou a cabeça e lançou um triste olhar aos seus acompanhantes, atrás dele, mudos como pedras. O monarca o observou e perguntou:

- Quer que eu mande amarrar-lhes os pés e as mãos, è encerrá-los num cárcere escuro?

- Ah, Soberano, - respondeu Alcon - eles desprezam o teu poder; não existe mão humana capaz de afastá-los.

- Está bem, - retorquiu o monarca - te cercarei de soldados, de modo que ninguém possa aproximar-se de ti.

- Não adianta - disse o rapaz, por toda resposta, e seu rosto se cobriu de tristeza; depois, muito calmo, como se falasse consigo mesmo, acrescentou: - Eles não andam na. minha frente, nem atrás de mim; estão dentro de mim. Minha boa mãe! Que te fiz eu, para merecer tão grave castigo?

O rei abaixou os olhos e uma onda de compaixão lhe inundou o peito; mas não pôde dizer nada. O rapaz reagiu, fez com a mão um gesto de despedida e disse resolutamente:

- Senhor, parto ao encontro da luta. Queira Deus dar-me a vitória! - E se afastou.
O rei o seguiu longo tempo com os olhos, depois se retirou para os seus aposentos, pensativo.
Alcon andou dia e noite, com seus acompanhantes, até chegar ao destino: o castelo de ferro. Uma vez ali, postou-se diante de seus muros, carrancudo e ameaçador. Em torno dele uma paisagem despida e deserta: não crescia ali nem um arbusto, não se sentia o perfume de uma flor, nem se percebia o sussurro de uma árvore movida pelo vento.
Por mais que procurasse, não conseguiu descobrir entrada alguma para a fortaleza: quatro muralhas de ferro se elevavam até as nuvens e nelas não existiam porta alguma, ou tampouco janela, na qual trepar.
Então ele ficou parafusando o cérebro, para ver como podia entrar. Seus camaradas estavam imóveis e não pronunciavam uma palavra; o céu se cobrira de negras nuvens; nos arredores toda a natureza se conservava na mudez desoladora do deserto. Parecia que a vida se tinha extinguido e que a natureza toda, diante daquele assustador castelo, suspendera o seu ritmo.
Mais de seis semanas ele esteve ali, sem que a hora seguinte fosse em nada diferente da anterior, nem o dia atual do precedente. Já estava disposto a desistir da sua empresa, quando chegou o Ano Novo, cujo primeiro dia caiu dessa vez num domingo, como no ano do seu nascimento.
Renasceram com ele os seus sonhos da meninice e da adolescência, e desapareceu como por encanto toda a recordação dos fatos que tinham vindo

depois. Porém ele olhou para os seus acompanhantes, e a lembrança de sua falecida mãe lhe encheu o coração de suave melancolia. Nisto percebeu que os da sua comitiva murmuravam; escutou e aprendeu com humildade umas palavras enigmáticas que eles proferiam, e que significavam pecado e culpa, penitência e arrependimento.
Comovido no mais íntimo de seu ser, tapou o rosto com as mãos, e ao retirá-las não pôde crer no que viam seus olhos: tinha diante de si, envolta numa névoa, a figura de sua mãe, que lhe falou com a mesma brandura e a mesma intimidade de muitos anos antes:
- Já esqueci tudo, meu filho. Agora vai florescer para ti a vida, com toda a sua beleza e o seu esplendor. Não resta dúvida de que precisarás ter um pouco de paciência. Espera até o meio-dia, até que chegue sol, o sol benfeitor.
Dizendo isto, a figura da mãe desapareceu e Alcon ficou novamente sozinho, com seu acompanhamento que tão pouca companhia lhe fazia. Pela primeira vez, desde que o anjo o havia abandonado, sentiu passar pelo seu coração um bafejo de paz.
Nisto chegou o Ano Novo. Rasgou-se o céu anuviado e apareceu, vitorioso, o cálido, o refulgente Sol. Naquele mesmo instante partiu-se em duas a muralha de ferro do castelo, formando uma espécie de porta, e no umbral apareceu uma extravagante figura: um gigante de pedra, da altura de uma torre, que, avançando, levantou a cabeça, para olhar fixamente o Sol, banhando-se em seus cálidos raios. Finalmente deu uma olhadela em

torno de si, e ao ver Alcon, que sentia o sangue quase gelar nas veias, gritou com voz de trovão:
- Filho do homem! O que fazes aqui? Faz muito tempo que me esperas? Fica sabendo que não posso viver senão ao sol, pois do contrário sou um homem de pedra, frio, sem vida; frio, sim, morto; mas invulnerável. Não há martelo, nem machado, nem serra, que possa comigo; somente um pequeno machado de prata, que pertence ao meu patrão, o ferreiro Artapex. Fica sabendo também, ô filho do homem! - continuou ele - que aqui, defronte do meu castelo de ferro, aparece uma vez de dez em dez anos, a constelação de ouro, ou seja, o dia do Ano Novo, o único dia em que posso viver. E se não o sabes, vou mostrar-te que energia eu tenho: estenderei meus braços de pedra, te apertarei com eles e te reduzirei a pó!
Alcon sentiu como se estivesse mesmo sendo abraçado, e gritou, com uma ânsia mortal:
- Sr. Pesar, Sr. Pesar! Acuda!
O Sr. Pesar apareceu, colheu em suas mãos os raios do sol e os espremeu. De repente a escuridão invadiu tudo, e reinaram outra vez, em toda aquela região, a noite e as trevas. Extinguiu-se a vida do gigante de pedra, o qual tombou ao chão, em todo o seu comprimento. Alcon, então, pegou um martelo de prata e fez em pedaços aquele monstro.
Depois disto, entrou resolutamente pela brecha da muralha de ferro, no pátio do castelo. Ali havia morado, em outros tempos, o gigante de pedra, mas agora o local estava vazio.
Ao abrir a porta, viu um grande lago verde, e, mal chegou à sua margem, surgiu da água uma criatura

estranha: uma espécie de mulher, cuja cabeça, em vez de cabelos, tinha onduladas serpentes, que sibilavam furiosas; seu corpo terminava em cauda de peixe, e em vez de braços tinha dois assustadores crocodilos, que esticavam as cabeças na direção do rapaz apavorado.
- Sou a senhora do lago - gritou - e ninguém pode apanhar-me se não possuir a rede do meu patrão, o pescador Martapix. Agora vou engolir-te. Apanhai-o, minhas serpentes; agarrai-o, crocodilos.
Alcon, naquele sério embaraço, exclamou:
- Acuda, D. Preocupação! Acuda!
Acudiu depressa a senhora de cinzento, tocou a água com a mão, e o lago ficou gelado. A senhora do lago começou a tiritar de frio e ficou presa do gelo, mas assim mesmo ria, porque pensava que Alcon não podia fazer nada contra ela. Mas 21e puxou a rede, fina como teia de aranha, colocou-lhe na cabeça e arrastou-a até a margem.
Como a mulher não podia viver senão dentro d'água, fora dela secaria. As serpentes lhe caíram da cabeça, os crocodilos se desprenderam de seus braços, e ela se encolheu e caiu morta aos pés do jovem. Este, com passos ligeiros, atravessou a superfície do gelo e chegou ao pátio do castelo. No centro dele havia um anão, todo de areia amarela. - Quem és tu? - perguntou Alcon.
- Sou o poderoso areal. Pareço pequeno, mas sou enorme, pois guardo em mim toda a areia do mundo. Se alguém se aproxima de mim, cubro-o de areia até afogá-lo, e ninguém pode salvá-lo, porque todos os homens juntos não podem carregar tanta areia como a que guardo comigo. Só existe um,

nada mais, que pode fazer isto, numa carroça que possui, e dele eu dependo eternamente: é o carroceiro Kartapux. Agora tu, para tua perdição, vais experimentar a minha força!
No mesmo instante caíram sobre o moço nuvens e mais nuvens de areia. Ele gritou, desesperado:
- Acuda, Srta. Angústia!
E apareceu, ondulante, uma figura vaporosa, que levantou os olhos para o céu, e caiu imediatamente uma chuva tão copiosa de lágrimas, e com tamanha força, que Alcon não enxergava nada em sua volta. E a chuva caía sem cessar, com grande abundância. Aquele dilúvio salgado desmanchou todo o areal, o dissolveu, e depois espalhou as massas de areia e as esparramou pela terra, en-
chendo com ela os regatos e os rios, e mandando o resto para o mar obscuro, onde ainda se encontra.
Apesar disto, a areia parecia não querer desaparecer todo dali, e restaram ainda grandes quantidades dela, que Alcon carregou com sua carroça até não ficar mais um grão, e a levou para o grande país do Saara, que dali por diante se transformou num deserto de areia.
Depois ele voltou ao castelo de ferro. Penetrou nele e se viu defronte de um compartimento que se fechava apenas com uma cortina de veludo encarnado; mas não se atreveu a entrar, porque sabia que dentro daquele quarto estava a esbelta e formosa princesa, à espera do seu salvador.
Súbito a cortina correu, e no umbral apareceu a filha do rei, cercada de uma auréola de luz, e trasbordante de reconhecimento, o qual parecia saltar-lhe em cachoeiras dos olhos. Estendeu a mão

ao rapaz e lhe disse:
- Eu te bendigo, meu herói e salvador. Enquanto viveres terás toda a minha estima e a minha gratidão; estarei sempre a teu lado; jamais te abandonarei.
- Obrigado, bondosa princesa, - respondeu Alcon - mas não posso prender teu destino ao meu. Olha qual é a minha comitiva: o Sr. Pesar, com a D. Preocupação e a Srta. Angústia. . . que, parece, não vão deixar-me nunca mais... Por outro lado, confesso que me sinto muito agradecido a eles, pois por duas vezes me salvaram de morte certa; mas vou passar uma vida melancólica, enquanto estiverem perto de mim. Teu espírito juvenil, tua alma alegre e jovial, teu ânimo sereno e pacífico, mal poderiam suportar esta minha desolada existência.
Diante de semelhantes palavras, a princesa levantou as mãos para o céu e disse em tom de súplica:
- Meu amo e senhor, não me mandes embora! A mim nada assusta; eu nada temo. Se não me queres por esposa, permite que eu te sirva como humilde serva, dedicada a ti e aos teus desejos, fiel até o fim.
O rapaz sentiu que seu coração se aquecia com tão expressivas frases, e, tomando-a nos braços, a beijou na boca encarnada. De repente passou pelos seus olhos uma coisa negra, e observando-a verificou que era o Sr. Pesar que, com sua voz cavernosa, lhe dizia:
- Adeus para sempre. Chegou o meu inimigo, que me derrotou, e tenho de ceder, porque vejo a

felicidade que te cerca.
- Adeus! - respondeu Alcon satisfeito com a notícia
- Agradeço os teus fiéis serviços, mas já não preciso de ti.
Dizendo isto, apresentou-se D. Preocupação, e com voz do além-túmulo, lhe disse:
- Eu também não continuarei a teu lado. Chegou o meu inimigo, e fui vencida por ele. Sinto a presença dele; por outro lado, vejo que o contentamento se apoderou de todo o teu ser.
- Também te agradeço, - disse Alcon - tens razão, deveras: sinto-me feliz com minha sorte; não podia desejá-la melhor.
Aproximou-se finalmente a Srta. Angústia, e disse, soluçando:
- Preciso abandonar-te porque meu adversário, o amor, afugenta-me.
Olhou então Alcon para os olhos de sua linda noiva, risonhos e cheios de amor, e sorriu também, por longo tempo, podendo fazer apenas um ligeiro gesto de despedida à Srta. Angústia.
Mal desapareceram os três companheiros, a cortina correu de novo e apareceu o vulto da mãe de Alcon: trazia pela mão um anjo vestido de branco e com asas de ouro. No semblante da mãe se refletia a beatitude celestial, tão iluminada estava.
- Recebei minha bênção, meus filhos - disse ela, com uma voz que ressoou como se fosse uma suave música.
- Meu filho, - disse ainda - tu pecaste, e pagaste pelas tuas culpas; agora te aguarda a felicidade; serão teus companheiros a alegria e o amor.
Devolvo-te o teu anjo. Estará a teu lado, como

antigamente, para ajudar-te em todos os embaraços do vida.
Ao dizer isto sorria doce, prazenteiramente, como só sabe sorrir uma mãe consciente da felicidade de seu filho.
Os noivos, por sua vez, de mãos dadas, se apresentaram diante do trono do rei. Atrás deles, em vez das três dolorosas personagens, ia a figura celestial do anjo.
Trasbordante de alegria, pegou sua coroa e a colocou na cabeça de Alcon. Ressoaram em todo o país as orquestras populares, e a alegria era tão grande que abafava o murmúrio dos rios, o uivo do vento e o rugido da tempestade.

FIM